

MULHERES DA ESDI: uma visualização de dados da presença das mulheres nos primeiros anos da Escola Superior de Desenho Industrial da UERJ.

WOMEN FROM ESDI: a data visualization of the presence of women in the early years of UERJ's School of Industrial Design.

SOUSA, Biatriz Silva de Sousa e; Graduação; Escola Superior de Desenho Industrial

bsousa@esdi.uerj.br

MARTINS, Bianca; Doutorado; Escola Superior de Desenho Industrial

bmartins@esdi.uerj.br

Resumo

A pesquisa investiga os perfis das mulheres que estudaram na ESDI desde sua fundação em 1963 até o ano em que foi integrada à Universidade Estadual do Rio de Janeiro, em 1974. Com o auxílio do arquivo da escola acompanhamos a formação em design destas alunas, e por elas foram levantados dados individuais, que resultaram na criação de visualizações de dados como meio de traduzir e analisar criticamente essas informações. Logo, o objetivo é promover um debate sobre os estudos de gênero dentro da área do design, preencher lacunas no campo e a construir a história do design através do prisma das mulheres. O estudo também destaca a importância da diversidade e inclusão, além de analisar o contexto político das décadas de 1960 e 1970, culminando em uma melhor compreensão do tema.

Palavras-Chave: formação em design; história do design; estudos de gênero e visualização de dados.

Abstract

The research investigates the profiles of the women who studied at ESDI from its foundation in 1963 until the year it was integrated into the State University of Rio de Janeiro in 1974. With the help of the school's archives, we followed the design education of these students and collected individual data from them, which resulted in the creation of data visualizations as a means of translating and critically analyzing this information. Thus, the aim is to promote a debate on gender studies within the field of design, to fill gaps in the field and to construct the history of design through the prism of women. The study also highlights the importance of diversity and inclusion, as well as analyzing the political context of the 1960s and 1970s, culminating in a better understanding of the topic.

Keywords: design education; design history; gender studies and data visualization.

1. Introdução

Como estudante no final do curso na Escola Superior de Desenho Industrial (ESDI), localizada na Lapa, Rio de Janeiro, foi necessário escolher um tema para o trabalho de conclusão de curso. A seleção do tema foi facilitada pelas reflexões ocorridas ao longo da graduação sobre a posição da mulher no design, incluindo o apagamento de suas contribuições e a escassez de mulheres em posições de destaque. Além disso, experiências pessoais de violência de gênero, tanto microviolências contínuas desde a infância quanto violências físicas e psicológicas diretas, motivaram a escolha do tema. Esta realidade não é exclusiva, mas partilhada por muitas mulheres no Brasil.

Em paralelo, o aprendizado obtido como bolsista do Projeto de Extensão Acervo ESDI¹² incentivou a exploração do perfil das mulheres na ESDI nos anos iniciais. A experiência como moradora de Queimados, município na Baixada Fluminense, suscitou a curiosidade sobre a possibilidade de perfis semelhantes terem estudado nos primeiros anos do curso.

O trabalho no arquivo proporcionou um entendimento profundo sobre a fundação da ESDI e o contexto histórico de sua criação, destacando as influências da Bauhaus e da Escola de Ulm. Observou-se uma predominância masculina nessas escolas, sugerindo que, além da influência curricular, houve uma "importação" das desigualdades de gênero. Essas omissões, bem como os raros e marginais reconhecimentos, são consequências de métodos historiográficos específicos que moldam a história do design (Buckle, 1986).

Antes de iniciar a pesquisa para o trabalho de conclusão de curso, uma sondagem revelou a escassez de estudos sobre mulheres na ESDI. Identificou-se apenas um trabalho, da ex-aluna Rita Sepúlveda de Faria, cujo TCC de 2003 tratou das designers brasileiras, propondo a criação de um banco de dados aberto para dar continuidade ao resgate dessas mulheres. Esta lacuna dentro da ESDI destacou a ausência de um foco direcionado às histórias das mulheres na instituição.

Com base no recorte temporal da pesquisa, que abrange de 1963 a 1974, nota-se que as mulheres estudadas são majoritariamente brancas cisgênero. A ausência de dados sobre raça nas fichas de inscrição evidencia a falta de preocupação da escola em discutir tais questões. Portanto, embora se reconheça a presença de fatores sociais interseccionais, a pesquisa foi limitada pela ausência de registros explícitos sobre raça e transgeneridade nas fichas das alunas.

2. Métodos

Na intenção de favorecer a visualização dos resultados desta pesquisa e possibilitar a realização de novos estudos que contribuam à necessária análise crítica a respeito do perfil das mulheres designers brasileiras, decidiu-se iniciar com uma pesquisa de acervo e tabulação de dados. Em um segundo momento, esses dados foram analisados e tratados, com o objetivo de iluminar o debate conforme algumas questões críticas colocadas. Portanto, o resultado da pesquisa é apresentado em uma visualização de dados.

A seguir, detalham-se os momentos da pesquisa.

¹ <https://arquivosdi.org/inicial/>

² <https://www.esdi.uerj.br/projetos/@id/6080>

2.1 Primeiro momento: pesquisa de acervo

O acervo possui uma grande quantidade de documentos, e, para uma melhor avaliação dos dados referentes às mulheres que frequentaram a ESDI, foi extremamente necessário delimitar um recorte temporal para viabilizar a realização da pesquisa. O recorte temporal foi delimitado entre 1963, ano da fundação da Escola Superior de Desenho Industrial, e 1974, ano em que a escola foi integrada à Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Para confirmar essa informação, foram consultados documentos, incluindo o livro ESDI: Biografia de uma Ideia (1996), de Pedro Luiz Pereira, e a Resolução nº 444, que incorporou a escola à Universidade do Estado do Rio de Janeiro em abril de 1975, encontrados nos arquivos de administração do acervo.

Com o recorte temporal definido, foi realizada uma pesquisa exploratória que, em um primeiro momento, envolveu a leitura das pastas das alunas. O foco de leitura foi no currículo escolar e no formulário de inscrição, que continham dados como idade, local de residência, opção de curso, nacionalidade e se haviam concluído ou não o curso. Havia a possibilidade de enriquecer esses dados, por exemplo, analisando o número de desistências ao longo dos anos; contudo, devido ao tempo limitado para a finalização do projeto, restringiu-se a análise aos dados iniciais mencionados. O trabalho de catalogar as informações na planilha era manual, e o acesso ao arquivo era limitado das oito horas da manhã até duas da tarde.

2.2 Segundo momento: análise e visualização de dados

Para planificar e auxiliar a visualização dos dados, foi utilizada uma planilha. Após a tabulação dos dados, elaboraram-se perguntas relevantes com o objetivo de produzir uma visualização de dados adequada à necessidade de representação de cada questão. Para a realização da representação dos dados, utilizou-se o Flourish.

Conforme o período examinado, foram analisadas 156 mulheres no total. No entanto, esse total não foi utilizado em todos os gráficos devido a alguns fatores: perda parcial ou integral de dados de algumas alunas (como uma ficha de inscrição que se perdeu dos arquivos, resultando em dados incompletos de uma aluna, o que deixou informações como data de nascimento, local de residência e nacionalidade restritas a 155 mulheres). Os gráficos relacionados à opção de curso analisaram 75 mulheres, pois a escolha entre programação visual ou desenho industrial estava disponível apenas até 1969; a partir de 1970, não havia mais a escolha de especialidade. Portanto, foram considerados os anos de 1963 a 1969. Por fim, no gráfico referente ao município do Rio de Janeiro, foram consideradas 146 mulheres, pois o objetivo era representar apenas aquelas que residiam no município.

3. Revisão de Literaturas

É evidente que a questão de gênero e estudos de gênero transcende o design, exigindo uma análise mais ampla sobre a posição das mulheres no contexto brasileiro e sobre a história do design no Brasil entre a década de 1960 e o início da década de 1970, para compreender onde estavam as mulheres nesses dois setores.

Nesse período, o mundo estava bipolarizado no contexto da Guerra Fria, o que teve um impacto significativo no Brasil. Devido a uma suposta influência do comunismo no país, com apoio dos Estados Unidos, em 1964 o governo militar depôs João Goulart, dando início à ditadura cívico-

militar.

Durante a ditadura, observou-se a inviabilização das mulheres tanto na luta armada contra o regime quanto na área do design. Na década de 1960, houve uma proliferação de escritórios de design, com redesenhos e criação de logos para empresas, especialmente para instituições estatais, com o objetivo de alinhar os ideais modernistas à eficiência e desenvolvimento da ditadura militar (Melo, 2011). Predominava o protagonismo masculino no design, com figuras como Aloísio Magalhães, professor da ESDI, e Alexandre Wollner, também professor da escola e ex-aluno da Escola de Ulm. Outros escritórios da época eram igualmente compostos majoritariamente por homens. Exemplos desses designers são destacados na pesquisa para ilustrar e justificar a escolha do tema do trabalho de conclusão de curso, evidenciando mais uma vez a invisibilidade das mulheres na história do design e a escassez de espaço em posições de destaque.

É relevante notar que, enquanto o design era usado para reforçar a imagem de eficiência e benevolência da ditadura militar, também era empregado como forma de protesto contra as diversas atrocidades cometidas pelo regime. Um exemplo significativo é o caso de Zuzu Angel, estilista brasileira que, em 1971, teve seu filho preso, torturado e morto após se filiar a um grupo revolucionário contra a ditadura militar (Audaces, 2021). Em busca do direito ao sepultamento do corpo do filho, Zuzu realizou um desfile de protesto no consulado brasileiro em Nova York, ato considerado crime, pois a crítica ao país no exterior era proibida. Ela chamou a atenção das autoridades para o desaparecimento do corpo de seu filho, criticando o regime ao bordar uma estampa com elementos bélicos para o desfile. Sua luta por respostas culminou em sua morte em 1976.

Abordar a questão da mulher no Brasil exige a consideração da interseccionalidade, como argumenta Djamilia Ribeiro³ no livro *“Quem Tem Medo do Feminismo Negro?”* (2018). Tratar as mulheres como um bloco homogêneo é ignorar os fatores sociais discriminatórios combinados que oprimem as mulheres de diferentes origens.

A pesquisa incluiu uma retrospectiva dos direitos alcançados pelas mulheres, destacando que esses direitos não eram universais: mulheres brancas e não brancas não estavam em condições de perfeita igualdade naquela época, situação que persiste até hoje. Três marcos importantes foram considerados:

1827: Meninas foram autorizadas a frequentar escolas no Brasil, mas, embora tivessem acesso à educação, eram ensinadas principalmente habilidades domésticas, como costura, e a aritmética ensinada era distinta daquela ensinada aos meninos (Follador, 2009). O objetivo era formar donas de casa, evidenciando que esse acesso era concedido principalmente a mulheres brancas de maior poder aquisitivo. Mulheres mais pobres e negras, que já trabalhavam e eram donas de casa, enfrentavam uma dupla jornada.

1879: Mulheres conquistaram o direito de frequentar universidades no Brasil. Entretanto, enquanto as mulheres brancas enfrentavam dificuldades para admissão (De Matos, 2016), as mulheres não brancas não foram contempladas de imediato. Um exemplo é Maria Odília Teixeira, sétima mulher e primeira mulher negra a se graduar em medicina pela Faculdade de Medicina da Bahia no ano de 1909.

1932: Mulheres obtiveram o direito ao voto, embora apenas as alfabetizadas pudessem votar, realidade que não era comum entre todas, especialmente entre mulheres não brancas. Apenas em 1946 o voto tornou-se obrigatório para ambos os gêneros, e em 1985 foi estendido aos

³ Filósofa brasileira, pesquisadora, escritora e ativista dos direitos da mulher negra.

analfabetos.

Com esse panorama, aborda-se o período de 1963 a 1974, considerando a situação das mulheres brancas e não brancas e o contexto do design nessa época, com o objetivo final na apresentação de visualização de dados, baseado em dados coletados durante a formação em design das alunas.

4. Resultados e Discussões

O objetivo da pesquisa era realizar a visualização de dados, traduzindo informações, como palavras ou números, aparentemente sem valor, e observar a história que esses dados revelam. Esse processo é alinhado com o viés do tema a ser discutido e debatido, especificamente sobre as alunas da ESDI.

A visualização de dados utiliza elementos visuais para transmitir grandes volumes de informações, valendo-se da comunicação visual com o objetivo de expor uma problemática intencionalmente.

Quanto à interpretação dos dados, surgiram algumas inquietações sobre o perfil das estudantes da ESDI, como, por exemplo, onde residiam. Essa foi uma das primeiras perguntas formuladas antes da elaboração dos gráficos. Posteriormente, outras questões surgiram durante a leitura dos documentos, como: além da quantidade de mulheres que ingressaram, quantas se formaram?

O trabalho iniciou-se com uma tabela inicial, anotando dados básicos dessas mulheres a partir da análise dos formulários de inscrição e dos registros curriculares de cada aluna.

Antes de construir os gráficos, foi necessário estudar mais sobre visualização de dados e os tipos de representações apropriadas para as categorias de dados disponíveis. Para isso, foram consultadas obras como a de Yau (2013). Os principais tipos de gráficos utilizados foram:

Gráficos de comparação: Indicadores da quantidade em contraposição a outros territórios e categorias. Podem comparar muitas ou poucas categorias. Para poucas categorias, o ideal é o uso de gráficos de barras ou colunas. Quando há muitas categorias, o gráfico de área é mais apropriado, pois considera a quantidade distribuída entre diferentes pontos de incidência.

Gráficos de proporção: Representam partes de um todo, geralmente em formato circular, divididos em setores, indicando aspectos que, somados, representam a realidade.

Gráficos de evolução: Representados por gráficos de linhas, indicam uma sequência ao longo do tempo, permitindo observar transformações ao longo dos anos através de sequências numéricas.

Gráficos de fluxos: Indicados para representar mudanças de relacionamentos, processos, sistemas ou escolhas. Esse tipo de gráfico tem como objetivo quantificar entradas e saídas e detalhar um processo.

4.1 Comparação de homens e mulheres de cada turma de 1963 até 1974

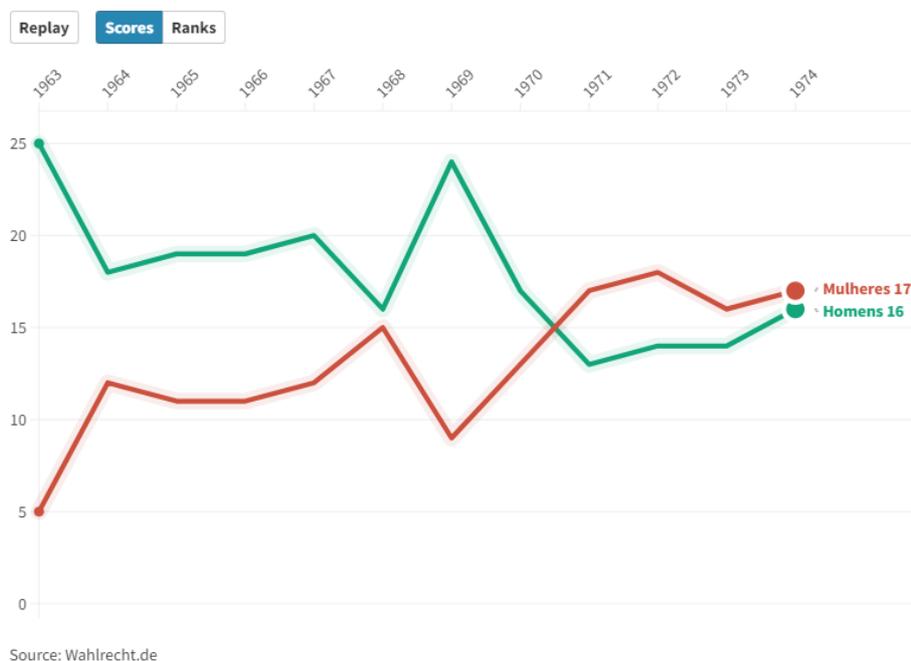
A primeira pergunta foi direcionada ao número de homens e mulheres que ingressam em cada turma, pois já era de conhecimento pelo livro do Pedro Luiz (1996) “ESDI: biografia de uma ideia”, que no total de 30 alunos da primeira turma, apenas 5 eram mulheres. A intenção era observar a inserção das mulheres ao longo deste período e pode-se observar que a década de 70

foi a maior em quantidade de mulheres, antes denominada apenas homens como maioria desde a fundação da escola, acabando por atingir o equilíbrio em 1974.

Também se nota que a lenta inserção das mulheres na primeira turma ao longo dos anos, até 1968 pela representação havia uma tendência a equilibrarem em quantidade com os homens, mas em 1969 há uma grande queda e há apenas 9 alunas contra 24 alunos homens. Elas irão de fato ser maioria apenas em 1971 com 17 mulheres contra 13. Podemos atribuir a alguns fatores esta queda em 1969: como a criação do AI-5 no Brasil em 1968, que reforçou a ditadura no rigor no país e a Assembleia Geral entre os períodos de junho de 1968 até o mês de agosto de 1969, decisões não bem sucedidas resultou em mais 30% dos alunos em 1969 trancando a suas matrículas. (SOUZA,1996)

Com auxílio do Flourish junto com os dados obtidos através do acervo, foi feito um gráfico com o intuito de ressaltar a evolução do ingresso de homens e mulheres.

Figura 1: Representação feita no Flourish comparando homens e mulheres que ingressaram na ESDI da turma de 1963 a 1974.



Fonte: acervo pessoal

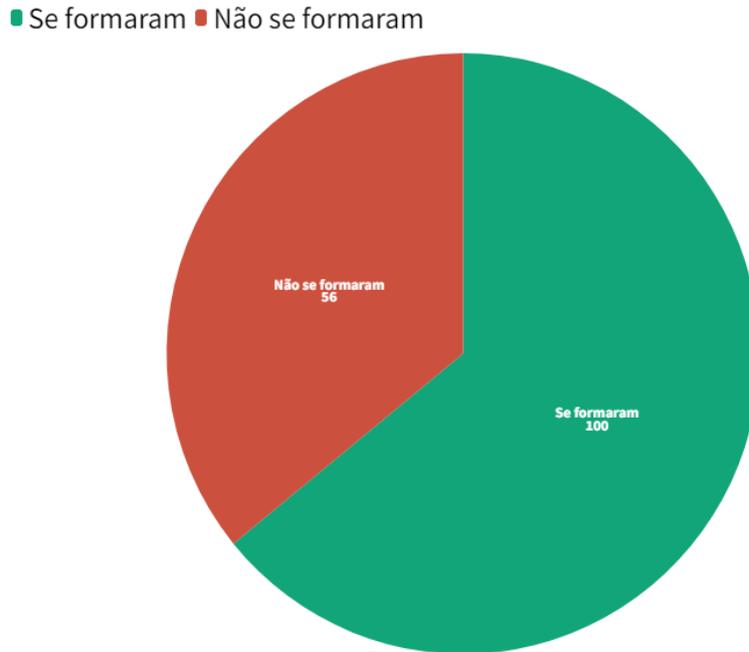
E para isto foi usado um gráfico de linhas acompanhado das transformações ao longo dos anos.

4.2 Mas quantas se formaram?

Após analisar a quantidade de homens e mulheres em cada turma, surgiu a segunda pergunta: dessas mulheres que ingressaram, quantas concluíram a graduação? Esta informação estava disponível no acervo, pois o currículo escolar acompanhava a aluna durante todo o curso na escola. Através dessas informações, foi possível rastrear os dados e convertê-los em números para a elaboração do gráfico.

De 1963 até 1974, 156 mulheres ingressaram na escola; desse total, 100 se formaram e 56 não concluíram o curso. Como houve um baixo ingresso de mulheres desde a fundação da escola, esperava-se um número maior de não formadas. No entanto, em termos percentuais, esse número representa 35,9% do total, uma quantidade ainda significativa a ser observada.

Figura 2: Gráfico comparando quantas alunas não se formaram, com as que se formaram.



Fonte: acervo pessoal

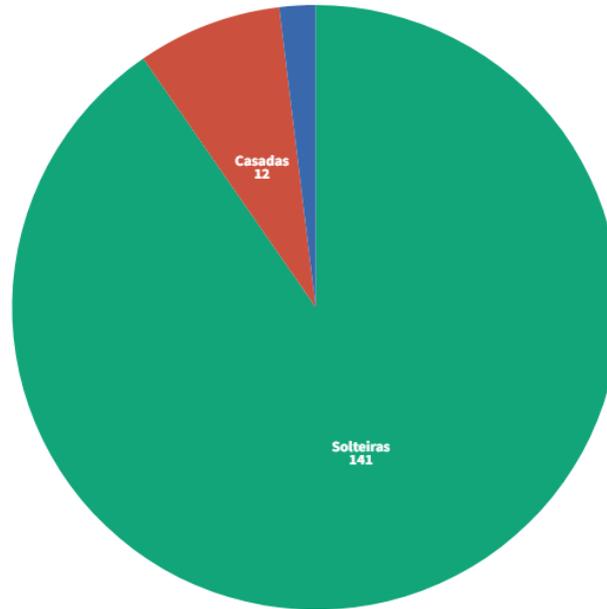
Neste caso, foi utilizado um gráfico de proporção, no formato circular, dividido em dois setores: as que não se formaram, em vermelho, e as que se formaram, em verde. O objetivo era comparar visualmente as duas categorias.

4.3 Estado Civil

A terceira pergunta buscava saber quantas alunas eram casadas e quantas eram solteiras, considerando as que se formaram e as que não se formaram. Durante a pesquisa, foi identificada uma nova categoria: alunas que se casaram após ingressarem no curso.

Figura 3: Gráfico separado em três categorias em situação civil das alunas.

■ Solteiras ■ Casadas ■ Se casou depois da matrícula



Fonte: acervo pessoal

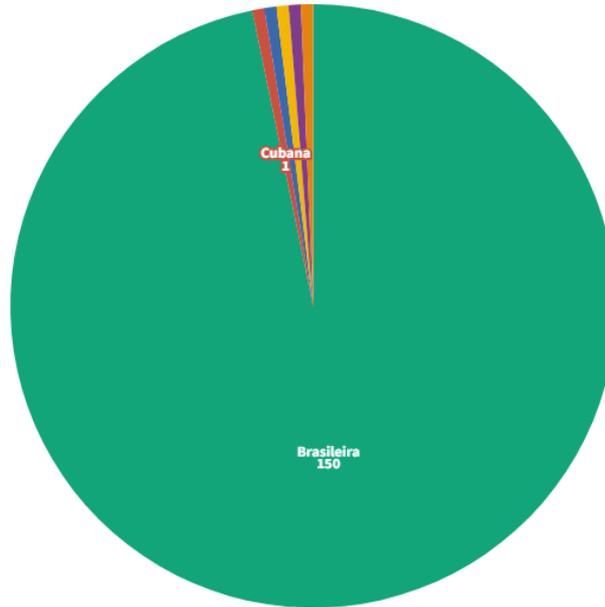
Neste gráfico, foi utilizada a representação de proporção novamente, mas agora com três setores para comparação. No total, são 141 solteiras, 12 casadas e 3 que se casaram após ingressarem na escola.

4.4 Nacionalidade

A pesquisa sobre a ESDI revelou uma influência significativa de estrangeiros na fundação da escola, com professores de outros países auxiliando nas aulas nos primeiros anos e contribuindo para o planejamento da estrutura da escola. A análise do arquivo permitiu identificar a nacionalidade das alunas, levando à quarta pergunta: a proposta da escola de introduzir o design em um país sem curso superior na área atraiu principalmente alunas brasileiras?

Figura 4: Gráfico separado em 6 setores de nacionalidades diferentes pertencentes às alunas.

■ Brasileira ■ Cubana ■ Italiana ■ Argentina ■ Uruguiaia ■ Polonesa



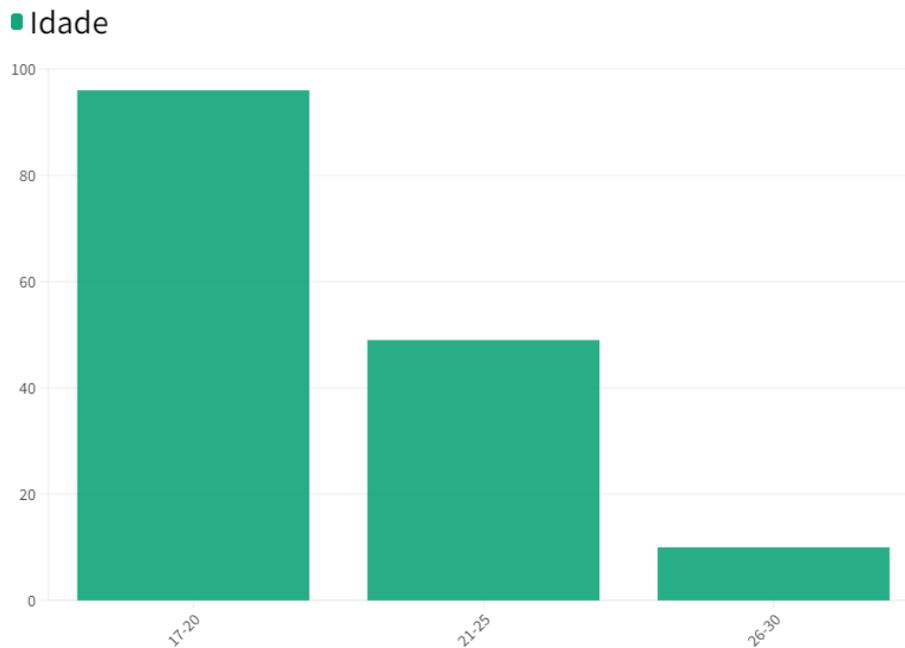
Fonte: acervo pessoal

4.5 Qual era a idade destas alunas?

Para a quinta pergunta, optei por representar graficamente a idade das alunas que ingressaram na faculdade. Para isso, estabeleci intervalos de idade para a representação e comparação. Utilizei gráficos de barras, dividindo as alunas em três faixas etárias: 17-20 anos, 21-25 anos e 26-30 anos. Esses intervalos foram escolhidos considerando o fim da adolescência e o início da fase jovem adulta, a primeira metade dessa fase e, por último, dos anos finais dos vinte até o início dos trinta anos. Suspeitava-se que a maioria estaria na faixa de 17-20 anos, mas era importante analisar e representar dados tão essenciais disponíveis nos formulários de inscrição.

Das alunas estudadas, mais da metade estava na faixa etária de 17 a 20 anos, totalizando 96 alunas. Na faixa de 21 a 25 anos, havia 49 alunas, enquanto na faixa de 26 a 30 anos, apenas 10 alunas foram registradas. Pelo gráfico, a aluna mais nova a ingressar durante os anos de 1963 a 1974 tinha 17 anos, enquanto a mais velha tinha 30 anos.

Figura 5: Gráfico dividido em três intervalos de idade representando as alunas.



Fonte: acervo pessoal

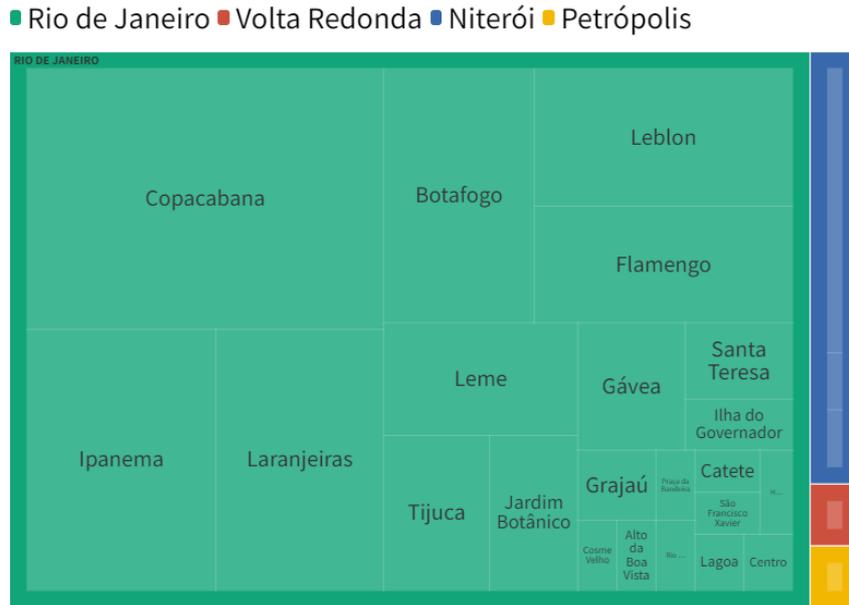
4.6 Onde moravam?

A questão principal a ser respondida pela pesquisa era: ‘em que partes do Rio elas moravam?’, pois como moradora de Queimados na Baixada Fluminense, essa pergunta me inquietava bastante, buscando encontrar outras pessoas com experiências semelhantes à minha e levantar a questão de ‘seria possível morar onde eu moro neste recorte temporal da minha pesquisa e estudar na ESDI?’.

Suspeitava-se que o perfil fosse composto principalmente por moradores da Zona Sul do Rio, suspeitas estas que foram confirmadas. No formulário de inscrição, era possível rastrear o endereço da aluna no ano de ingresso na faculdade, embora em alguns casos fosse observada a mudança de moradia ao longo dos anos de duração da graduação em outros documentos. Para manter uma linha de raciocínio e evitar confusões, optou-se por considerar apenas o primeiro registro no ano de entrada. Alguns formulários continham apenas o endereço, sem mencionar o bairro, o que exigiu pesquisa dos bairros correspondentes a partir desses endereços, frequentemente localizados em outros municípios.

É importante destacar que os dados foram coletados tanto para bairros da cidade do Rio de Janeiro quanto para bairros de outros municípios, e para facilitar a visualização, foram criados dois mapas: um do município, separado por zonas, contendo os bairros onde as alunas residem, e outro mapa abrangendo todo o estado do Rio de Janeiro como referência.

Figura 6: Gráfico representando o Estado do Rio de Janeiro no lugar que as alunas moravam.

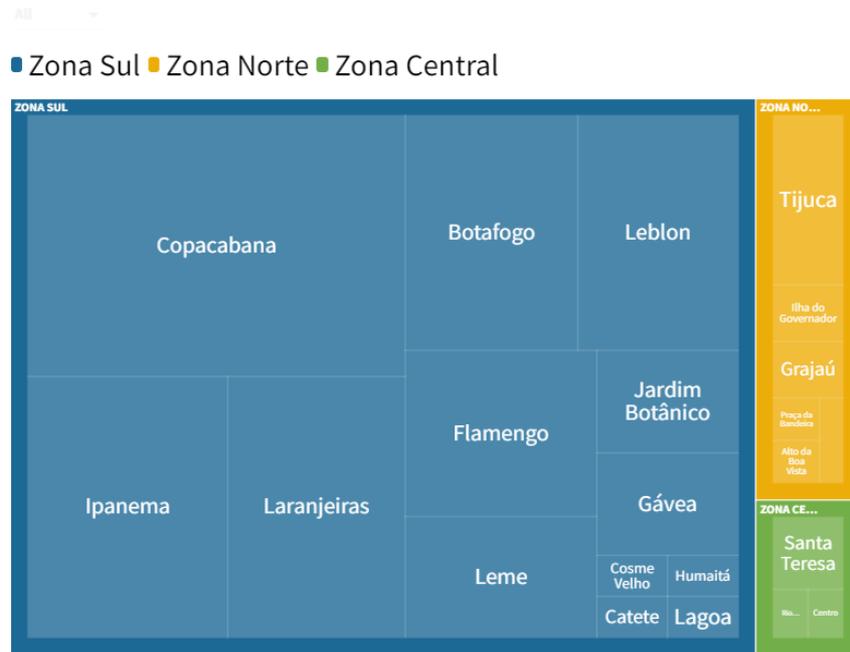


Fonte: acervo pessoal

Foi escolhido um gráfico de área que enfatiza o número de incidências de cada zona dentro do município do Rio, sendo colocadas em hierarquia com base no tamanho da área. Este tipo de gráfico foi selecionado porque atende ao propósito de comparação, que é o objetivo, e abrange várias categorias de uma maneira que é mais apropriada visualmente.

Após a organização do gráfico dos bairros do município do Rio, outro gráfico foi desenvolvido abrangendo o estado, ou seja, todos os municípios do estado, pois durante a coleta de dados foram registrados bairros fora da cidade.

Figura 7: Gráfico representando o município do Rio de Janeiro e as zonas onde as alunas moravam.



Fonte: acervo pessoal

No total, apenas 9 alunas são mencionadas nos anos de 1967, 1969, 1972 e 1974. Em 1967, há 1 aluna de Niterói, Volta Redonda e Petrópolis. Em 1969, apenas 2 são de Niterói. Em 1972, o número é reduzido, com apenas 1 aluna de Niterói, e em 1974, o número sobe para 3.

Chama atenção o fato de não haver muita variação em relação aos outros municípios e como o número de residentes neles é significativamente menor.

Em resumo, nos anos de 1963 e 1964, predominantemente há apenas moradoras da Zona Sul, e é somente em 1965 que este quadro muda um pouco, com apenas uma aluna morando na região da Zona Norte.

De maneira geral, durante os anos de 1963 até 1974, não há muita variação, exceto em 1967, quando é mais diversificado, com moradoras da Zona Central, Volta Redonda, Niterói e Petrópolis, mas a Zona Sul continua sendo a maioria. É importante destacar que todos os anos a maioria era composta por moradoras da Zona Sul, o que confirmou as minhas suspeitas iniciais de que não haveria moradores da Baixada Fluminense e nem da Zona Oeste do Rio.

No total, são 130 alunas moradoras em bairros da Zona Sul, 12 na Zona Norte, 7 em Niterói, 4 no Centro, 1 em Volta Redonda e 1 em Petrópolis.

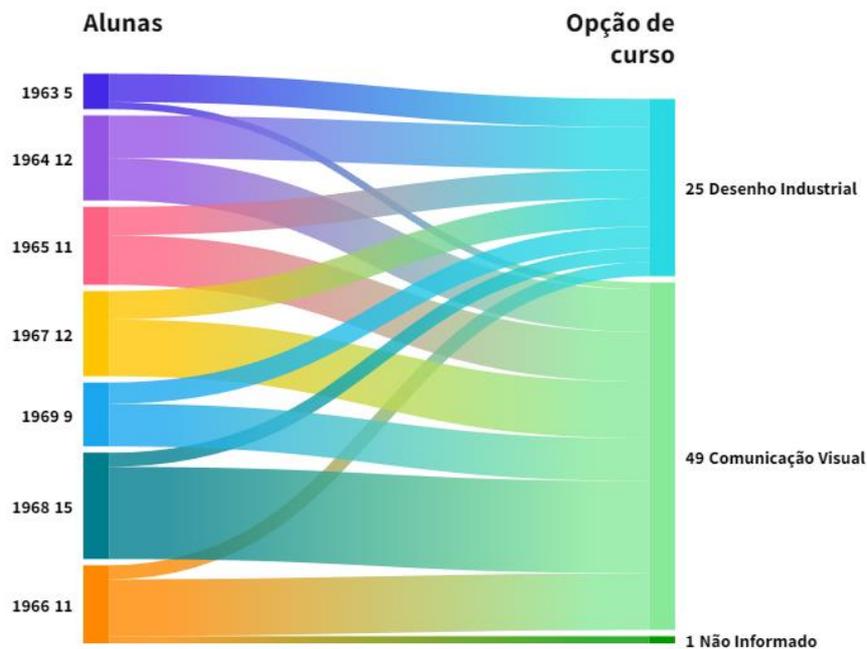
4.7 Desenho Industrial ou Programação Visual?

No começo da ESDI, o ciclo básico era cursado pela aluna, que posteriormente era dada a opção de escolher em qual área desejava seguir nos estudos. Havia duas opções: Design Industrial e Programação Visual, também conhecida como Comunicação Visual. Esta informação também estava presente no formulário de inscrição da candidata. A coleta de dados e, conseqüentemente, o gráfico, se estenderam apenas até 1969, pois em 1970 a escolha não precisava mais ser feita pela aluna; a formação em design se torna mais abrangente.

O gráfico de fluxos foi escolhido para representar esses dados, visando uma melhor ilustração

das escolhas feitas pelas alunas.

Figura 8: Gráfico representando a opção de curso das alunas.



Fonte: acervo pessoal

De 1963 até 1970, pode ser observada uma preferência inicial pelo desenho industrial nos primeiros anos, porém, à medida que os anos avançam, nota-se uma tendência crescente pela comunicação visual, que eventualmente se torna predominante entre as alunas.

Esta mudança pode ser atribuída a diversos fatores. No início da escola, havia um foco na promessa de desenvolvimento da indústria brasileira, formando profissionais para criar produtos destinados às fábricas. Além disso, ao longo das décadas, percebe-se um aumento significativo no número de escritórios no Brasil dedicados à criação de identidade visual das marcas.

5. Considerações finais

Para obter os dados desta pesquisa, foi necessária uma imersão total no arquivo, o que foi uma das partes mais trabalhosas do processo, pois procurei delimitar um recorte curatorial sobre quais informações eram relevantes ou não para tabular, definido por perguntas motivadas por minhas inquietações. Não foi fácil a construção da tabela, uma vez que o arquivo não está digitalizado; tudo foi lido pasta por pasta, dado por dado, para ser registrado.

Com as informações em mãos, a construção dos dados foi um pouco desafiadora, pois tive que adquirir mais familiaridade com a área de visualização de dados, até então desconhecida por mim. No entanto, com literaturas sobre o assunto e tentativas e erros com o Flourish, foi possível construir os resultados apresentados aqui. Outra consideração é que nem tudo são dados; tive que mergulhar em todo o contexto histórico das décadas de 60 e 70 para melhor compreender os gráficos que estava construindo. Portanto, foi essencial revisitar a história da fundação da ESDI e de

escolas anteriores que influenciaram sua criação, identificando possíveis fatores dos números revelados durante a pesquisa.

Na parte de contextualização, fiz uma revisão de diversas leituras para me ajudar a compor os cenários da época. Não houve maiores problemas para encontrar essas fontes, porém, houve um recorte sobre quais acontecimentos considerar nessas décadas para incluir neste artigo. Busquei casos que traziam mais o ponto de vista das mulheres nas épocas em questão e, além disso, casos que ajudavam a entender o pensamento daquele tempo e a influência do design, como marcos significativos para a história das mulheres e sua não visibilidade em posições de destaque dentro do campo do design.

Depois de concluir todos os gráficos, surgiram mais questionamentos sobre os dados de outros anos, que poderiam ser explorados sob outros recortes, como, por exemplo, a comparação entre homens e mulheres após a integração da ESDI à UERJ ou recortes do perfil de alunos e alunas depois das cotas. Há várias direções de pesquisa para investigar no arquivo, e tenho vontade de continuar pesquisando essas novas perspectivas, observando o que os dados têm a nos dizer.

6. Referências

AUDACES. Zuzu Angel: quem foi a “mãe da moda brasileira”, criadora do desfile-protesto. Disponível em: <<https://audaces.com/pt-br/blog/zuzu-angel-e-a-moda-como-protesto>>.

BUCKLEY, Cheryl. “Made in Patriarchy: Toward a Feminist Analysis of Women and Design”. The MIT Press, vol. : Design Issues, Vol. 3, No. 2 (Autumn, 1986), p. 3–14, p. 13.

DE MATOS, Maria Izilda Santos. Propostas e lutas pela educação feminina: entre mães e operárias. Estudos Ibero-Americanos, v. 42, n. 1, p. 352-371, 2016.

FARIA, Rita Sepulvida de. Mulheres designers brasileiras. 2003. 66 f Monografia apresentada à Escola Superior de Desenho Industrial para obtenção do grau de bacharel em Desenho Industrial.

FOLLADOR, Kellen Jacobsen. A mulher na visão do patriarcado brasileiro: uma herança ocidental. Revista fato & versões, v. 1, n. 2, p. 3-16, 2009.

MELO, Francisco Inacio Scaramelli Homem de; COIMBRA, Elaine Ramos. Linha do tempo do design gráfico no Brasil. 2011.

RIBEIRO, Djamila. Quem tem medo do feminismo negro? São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

SOUZA, Pedro Luiz Pereira de. ESDI: biografia de uma ideia. Rio de Janeiro: EDUERJ, 1996.

TELES, Maria Amélia de Almeida. Breve história do feminismo no Brasil. São Paulo: editora brasiliense.1993.

YAU, Nathan. Data points: visualization that means something. Indianapolis: John Wiley & Sons, Inc, 2013.

YAU, Nathan. Visualize this: the Flowing Data guide to design, visualization, and statistics. John Wiley & Sons, 2011.

